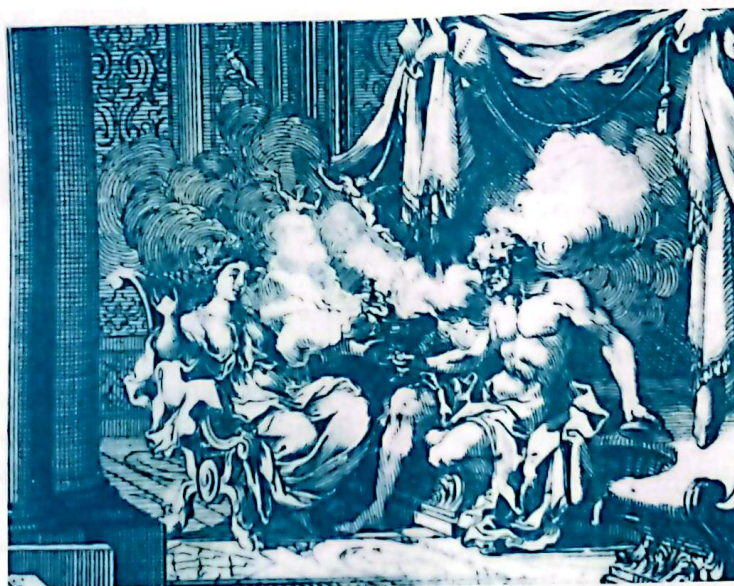


A imigrante que disseminou pestilências

Recontado por Arary da Cruz Tiriba



O iniciado em biociências quis saber das calamidades, não-HIV, que se abateram sobre o gênero humano, como epidemias e pandemias. O professor fora combatente — e sobrevivente — de incontáveis flagelos: tifo, crupe, varíola, hidrofobia, escarlatina, doença meningocócica etc. Enfrentara até a rataria. No entanto, optou por expor a versão da antigüidade.

Deuses, do Olimpo, temiam que os mortais os igualassem ou mesmo os sobrepujassem. Motivo para que, Zeus, o Rei dos Deuses, desaprovasse que Prometeu — o desafiante do Soberano membro da família dos Titãs —, mantivesse bom relacionamento com os humanos. O cenário se conturbou quando o ativista desviou a centelha do Olimpo para oferecê-la aos seus amigos, os homens da Terra. O temor reinante entre as divindades era de que o fogo furtado levasse os mortais à tomada de consciência: da razão, da luminosidade, da transformação de substâncias, da socialização, do domínio

da natureza, da civilização, enfim, da ambicionada igualdade em relação aos deuses olímpicos. Se a posse do fogo pelos mortais expandisse suas potencialidades, a hegemonia das divindades estaria ameaçada.

Até então, as tribos dos homens tinham vivido livres de males e pestilências. Zeus, enfurecido pelo roubo, maquinou terrível vingança — a criação da mulher —, com a finalidade de desagregar e debilitar os mortais. Vulcano, habilidoso deus-artesão, foi encarregado de confeccionar a criatura fatal. Minerva revestiu-a de adornos. Vênus adicionou-lhe beleza e encanto. Mercúrio, a prosa convincente. Dessa forma, obedientes ao Senhor do Universo, os deuses aplicaram suas qualidades próprias em Pandora (todos os condãos), tornando-a incomparável em graça, sedução e sagacidade. Só então, Hermes conduziu Pandora à Terra, para apresentá-la ao incauto Epimeteu — irmão de Prometeu —, alvo indireto da retaliação. As delicadas mãos da mulher portavam a jarra

cheia de eflúvios maléficos, os quais levariam os mortais à desagregação, à perdição.

Em vão foram as advertências de Prometeu — o previdente — para que Epimeteu se acautelasse com qualquer objeto doado por Zeus, mas deslumbrado pela companheira, o irmão destampou a jarra e, subitamente, humanidade, terras e mares foram envolvidos pelos males e aflições. Epimeteu depressa ainda tentou tampar o vaso. Tarde demais, dentro da jarra restou somente a Esperança.

A partir daí, desgraças se renovam: HIV; fome e sede nos continentes; corrupção; degradação do ambiente; desastres urbanos; bioterrorismo e guerra química; *tsunami*; seqüestro de cada dia; parricídio e infanticídio; intolerância racial e religiosa; justiça sob suspeição...

Novidade? Nenhuma. Objetivo alcançado! Rancoroso e maquiavélico, repressor e torturador, Zeus, o precursor da contaminação irredutível dos mortais e do seu *habitat*!

E Pandora, a astuciosa imigrante extraterrestre, friamente viabilizou tais calamidades.

Essa é a versão mais antiga. Sobre a mais 'quente', é enriquecedora a leitura de *História e suas epidemias — a convivência do homem com os microrganismos*, do médico infectologista Stefan Cunha Ujvari. Orelhas do livro preenchidas, nada mais nada menos, por Dráuzio Varella. O autor, Ujvari, quando aluno, também fazia perguntas — tal como o jovem das biociências —, ao velho professor 'recontador', mestre também em 'enrolar'.

Arary da Cruz Tiriba

Membro da Academia de Medicina de São Paulo e Professor de Medicina

O verdadeiro mestre

Pedro Luiz Squilacci Leme

Muito se discute sobre o professor universitário. Vários parâmetros podem ser empregados para sua avaliação: a titulação acadêmica, as publicações científicas, a capacidade didática e o bom relacionamento com os alunos, mas uma faceta pouco explorada é a capacidade que ele possui de ensinar dando o exemplo.

Certa vez, acompanhando a visita aos doentes internados em uma centenária instituição médica de São Paulo, visita tradicional de um grupo especializado em Cirurgia do Estômago, Duodeno e Obesidade, que é acompanhada por professores e alunos em vários estágios de formação, ocorreu um fato marcante e inesquecível. Ao subirmos do térreo ao terceiro andar no vetusto elevador, ainda com aquelas portas antigas feitas com grades de metal, que há décadas acompanha muitos sofrimentos e angústias de doentes, sonhos e anseios de jovens médicos, preocupações e cansaço de homens e mulheres que escolheram a medicina como profissão e seu desempenho ético como missão durante a vida, um curto e inusitado diálogo foi ouvido.

Nesse elevador, um austero professor, que galgou todos os estágios da carreira acadêmica com galhardia, que é reconhecido por sua habilidade e elegância como cirurgião de uma nobre estirpe de Cirurgiões Gerais com letras maiúsculas, especialidade infelizmente em extinção em razão da especialização cada vez maior de nossa carreira; este professor, sempre lembrado pela fidalguia no trato com seus pares, cobrou de uma funcionária do hospital um clipe

para papel que ela havia emprestado em sua sala. A moça, voltando-se para sua colega de trabalho retorquiu: "veja só, regulando um clipe; eu estava com os papéis caindo". Prontamente foi corrigida pelo professor: "papéis", ao que ela assentiu. Mais um comentário do professor: "nada deve ser desperdiçado".

O velho elevador parou ruidosamente no terceiro andar e todos nós descemos. Fiquei refletindo: eu, com quase meio século de vida, mestrado e doutorado defendidos, me senti minúsculo ante tal aula magistral de como devemos ser; uma aula que durou exatamente o tempo do elevador subir três andares e apenas estas poucas frases foram ditas, mas a lição dada não será esquecida. Aprendi, aprenderam todos dentro do elevador e até a jovem espevitada seguramente vai pensar mais da próxima vez que for jogar fora algo de forma irrefletida.

Dias depois, contando o ocorrido a um amigo, ouvi outro comentário lapidar: "se existissem mais pessoas assim, viveríamos bem melhor".

Quando ensinamos alguém, além de transmitir conhecimentos técnicos, devemos nos esforçar para também dar o exemplo e a lição ficará gravada para sempre.

Pedro Luiz Squilacci Leme

Professor Assistente Doutor da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo e Cirurgião do Hospital São Luiz Gonzaga

Prof. Dr. João Carvalho Ribas

L. A. Fernandes de Soares

Nasceu na cidade de Santos, São Paulo, em 02 de fevereiro de 1914, filho legítimo de Leônicio Ribas e de D. Maria José Carvalho Ribas. Casado com D. Ivone Carvalho Ribas.

Realizou o curso secundário e médio no Ginásio Luso-Brasileiro, em Santos. Em 1932, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, concluindo o curso em dezembro de 1938. Em razão de seu pendor para os estudos relacionados às doenças do sistema nervoso, foi aprovado com grau dez na Cadeira de Clínica Psiquiátrica e com grau 9,75 na Clínica Neurológica. Com bolsa, freqüentou um curso de Psiquiatria Social da Criança, promovido pelo Centro Internacional 69 e 70.

Foi agraciado com 40 títulos das mais variadas instituições científicas e culturais do país e exterior. Destacamos os referentes às atividades literárias. Tornou-se sócio titular em 04 de junho de 1964 e secretário da mesa, na Diretoria de 1969/1971 da Sociedade Paulista de História da Medicina, e sócio fundador e titular em 23 de abril de 1965 e vogal de São Paulo na Diretoria de 1966/1968, da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos.

Participou de 40 sessões em atividade médico-social. Publicou 36 trabalhos em revistas, 29 em jornais e participou de 28 atividades em rádio e televisão. Escreveu sete prefácios, 12 discursos, 15 relatórios e sete necrológicos. Foi condecorado com dez títulos honoríficos.

Ao término, viajou pela Europa e conheceu, em Portugal, o Centro Egas Muniz de Aragão (destacado médico baiano e um ilustre poeta). Freqüentou o Curso de Endocrinologia, realizado na Academia de Medicina de São Paulo, a cargo do Dr. Atilio Zelante Flosi, seu parceiro na fundação da Sobrames Nacional, em 1965. Até a data da conquista do título de médico adjunto, havia realizado 37 cursos de extensão universitária.

Sua carreira universitária foi brilhante e com muitos momentos de destaque nacional. Em 1956, conquistou o Grau de Doutor em Medicina e a Livre-Docência de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, por meio de Concurso de Títulos e Provas. Professor Substituto da Clínica Psiquiátrica, conquistou também a Livre-Docência de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina. Como corolário da sua vida universitária, participou das atividades de Revistas e Sociedades Médicas, da educação da população no tocante aos problemas da saúde mental, por meio dos meios de comunicação de massa e, por isso, foi agraciado com inúmeros títulos honoríficos.

Foi organizador e administrador de inúmeros cursos de pós-graduação em sua especialidade.

Suas atividades científicas foram intensas. Apresentou em serviços sociais e congressos 120 trabalhos até o momento de seu concurso. Um desses trabalhos fora com o professor



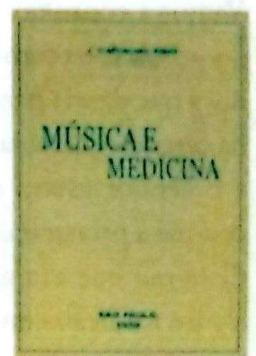
Antônio Carlos Pacheco e Silva que, além de respeitado profissional da medicina, foi o 6º Presidente Nacional da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, no período de 1974/1976. Participou de 30 congressos de outras sociedades e outros certames. Destaca-se sua presença no Congresso Internacional de Escritores Médicos, realizado com o auspício da Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo e Unesco, no período de 9 a 15 de agosto de 1954, na qualidade de Membro Titular e Relator Oficial do tema — “A crítica de arte vista pelo psiquiatra”.

O Dr. Carvalho Ribas integrou o grupo de precursores fundadores da sociedade em 23 de abril de 1965, teve a grande honra de participar do I Congresso Brasileiro de Escritores Médicos, promovido pela Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, e apresentou o trabalho: “O impacto da psiquiatria na crítica literária”. No II Congresso, participou como membro titular e relator oficial do tema: “A crítica literária do ponto de vista médico”. Em dezembro de 1973, foi eleito presidente da Regional São Paulo — Segunda Diretoria — para o biênio 1974/1975.

A esposa do doutor, D. Ivone, reside na cidade de São Paulo, com quem tivemos a feliz oportunidade de conversar várias vezes, via telefone e pessoalmente, quando da realização da Jornada dos 40 anos da Fundação da Sobrames em São Paulo, e sentir a sensibilidade de sua alma e a grandeza do seu coração, devota incondicional dos valores do seu querido cônjuge e nobre professor que tanto legara da glória de sua capacidade à ciência, à cultura e à literatura brasileira e estrangeira. O Professor Dr. Guilherme Ribas também nos auxiliou com informações valiosas, oferecendo-nos várias obras publicadas de autoria do seu pai.

Em 1969, o Dr. João Carvalho Ribas editou o livro *Memorial*, o qual é a reunião do seu currículo vitae, um dos mais completos que já apreciamos em termos de organização e detalhes que impressionam pela notoriedade da apresentação.

O *Memorial* foi apresentado no concurso em que conquistou o título de Professor Adjunto do Departamento de Neuropsiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, perante comissão julgadora constituída pelos Professores Fernando de Oliveira Bastos (Presidente), Hilário Veiga de Carvalho, André Teixeira Lima, Paulo Pinto Pupo e Paulo Fraletti, em 23 de fevereiro de 1970.



L. A. Fernandes de Soares
Professor de Medicina

A "nova doença" descoberta no Brasil

Nelson Jacintho

Ela era uma mulher diferente de quase todas as outras, embora não fugisse às essenciais características da maioria. Gostava de falar muito, de colocar defeito nas coisas das amigas e, além disso, gostava de zombar do nome do seu médico, doutor Demófilo de Oliveira. Ela chamava-se Maria do Céu Trindade e sempre dizia ao doutor Demófilo que ele deveria trocar de nome e arrumar um nome bonito como o dela.

— O senhor sabe o que quer dizer Demófilo, Doutor?

— Filho do demos, dona Maria do Céu.

— O senhor não acha que deveria trocar de nome, colocar, por exemplo, Teófilo?

— Estou satisfeito com o meu nome, dona Maria do Céu, já estou com cinquenta anos e trocar de nome nessa idade seria uma criancice. Não sei se Deus me aceitará de bom grado, depois de passar tanto tempo com o nome do seu adversário. Além disso, são as nossas ações e o nosso trabalho que nos dignificam, e não o nome.

— Se eu fosse o senhor trocaria para Teófilo.

— Deixe o meu nome de lado, porque a senhora já me disse para trocá-lo por muitas vezes, e eu nunca aceitei. Vamos à consulta.

— Pois é, eu comecei a ter uma dor danada na região da nuca que descia para os ombros e para o meio das costas há cerca de quarenta dias. Telefonei para o seu consultório e o senhor estava de férias. A minha vizinha convenceu-me a procurar o médico dela e eu fui consultá-lo. Ele disse-me que era apenas um torcicolo, prescreveu-me alguns medicamentos e despediu-me. Torcicolo, o senhor sabe, é torção do pescoço.

— Sei, sim senhora, dona Maria do Céu.

— Tomei os remédios dele por uma semana, mas as dores não desapareceram. A mesma vizinha me falou de um especialista muito bom. Fui visitá-lo e ele disse-me que eu estava com cervicobraquialgia. O senhor...

— Sei o que é, sim senhora.

— Tomei os remédios para essa cervicobraquialgia, mas as dores continuaram. Procurei então o terceiro médico

e ele disse-me que eu estava com fibromialgia. O senhor conhece...

— Conheço, dona Maria do Céu. Os remédios dele também não surtiram efeito? O que a senhora fez?

— Procurei o quarto médico, minha comadre me disse que esse fazia acupuntura e ela achava que eu estava precisando levar algumas agulhadas para ficar boa.

— Ficou...?!

— Nada disso doutor, depois de uma semana, o seu colega já estava enfiando agulhas nos lugares antigos, porque já não achava mais espaço para fazer um buraco novo.

— E então...?

— Ele aconselhou-me a procurar outro médico, porque o tratamento dele não estava dando certo.

— O que a senhora fez?

— Procurei um homeopata. O senhor sabe...

— Sei sim, o que ele fez?

— Receitou três tipos de bolinhas para tomar durante um mês, ele disse-me que iria ensinar o meu organismo a combater a doença. Acho que o meu organismo não é muito inteligente, porque não aprendeu nada e a dor permaneceu. Quero confessar que tomei as bolinhas dele por apenas cinco dias. No quinto dia um vidro caiu, abriu e eu estou achando bolinhas esparramadas na casa até hoje. Se elas fizerem bem para o assoalho ele não vai apodrecer nunca.

— Feito isso a senhora resolveu vir ao meu consultório?

— Não... Depois disso fui a dois massagistas e três fisioterapeutas. Os massagistas apenas conseguiram aumentar as minhas dores. O primeiro fisioterapeuta mandou-me colocar bolsa de água quente, o segundo, bolsa de gelo e o terceiro mandou eu fazer o tal do choque térmico, colocar calor e frio alternativamente, o senhor sabe, não sabe?

— Sei, dona Maria do Céu. Feito isso a senhora melhorou?

— Melhorei nada, doutor, ganhei apenas duas queimaduras, uma provocada pela bolsa de gelo e a outra, pela da água quente.

— Onde a senhora foi depois de todos esses tratamentos?

— Fui para o Centro Espírita, para curandeiro e, até, pedir para o Santo Antônio.

— Espere aí, esse santo é para arrumar casamento e não para curar dor nas costas...

— Ele serve pra tudo doutor, o senhor não acredita?

— Acredito, acredito, dona Maria do Céu.

Doutor Demófilo olhou para o relógio e uma hora já havia se passado. Ele precisava ficar livre de sua amiga-inimiga Maria do Céu o quanto antes. Em um estalo veio-lhe à mente um jeito de ficar livre dela:

— Já sei qual é a sua doença. A senhora está sofrendo da *síndrome da algia histeromiofascial*, uma doença nova que está atacando mulheres de sua idade.

— Que maravilha, doutor! O senhor é um gênio! Não sei porque fiquei perdendo tempo por aí! Eu nunca vi esse nome na internet! Tem cura, doutor?

— Claro, tem cura, sim senhora... É doença nova, ela vai demorar a aparecer na internet.

— O senhor vai me tratar dessa doença. Vou ser a primeira, vou colocar o seu nome e o meu nos jornais.

— Não, não faça isso, não gosto de muita bajulação, vou tratar da senhora, mas tudo normalmente.

— Está bem, doutor, vou obedecer ao senhor, como se fosse uma aluna do primeiro ano primário. Se for remédio caro, não tem problema, o senhor sabe que tenho dinheiro.

— Muito bem, a senhora vai sair daqui, passar por um cabeleireiro, depois passar por uma loja de departamentos, reformar todo o seu guarda-roupa, enfim, mudar o seu visual e, depois, arrumar um namorado rico para casar e viajar pelo mundo.

— Só isso, doutor?!

— Se a senhora fizer isso, estará curada, palavra de Demófilo.

— O senhor tem certeza de que eu sofra dessa...

— *Síndrome da algia histeromiofascial*... Tenho certeza, já tratei de algumas mulheres com essa doença.

Maria do Céu Trindade saiu do consultório do doutor Demófilo com um misto de incerteza e de esperança. Após pensar por alguns momentos, resolveu cumprir à risca a receita do médico. Concluiu que ele deveria ser de fato um filho do demo. Como será que ele descobriu a tal doença? Foi ao cabeleireiro, passou no departamento de modas, mudou seu visual e passou a freqüentar as grandes rodas de amigos do marido, que havia deixado de freqüen-

tar depois que ele morrera. Não demorou muito tempo e já estava casada com um milionário, também viúvo de seis meses, que perdera a esposa em um acidente de carro. O tempo passou, Maria do Céu desapareceu do consultório do doutor Demófilo e ele se sentia imensamente feliz por ter ficado livre daquela chata, além de ter resolvido o seu problema. Como ela dissera, sentia-se um gênio e não se cansava de trocar elogios com seu ego. Certo dia, ao entrar no consultório, recebeu uma carta registrada, vindo das Ilhas Gregas. Era de Maria do Céu. Abriu a carta:

“Doutor Demófilo, meus parabéns, o senhor é, de fato, o maior médico do mundo, estou completamente recuperada, nunca mais senti dor. Eu e o meu novo marido estamos passeando pela Europa, já passamos por Portugal, Espanha, França, Alemanha, Itália e estamos nas Ilhas Gregas. Tive a curiosidade de entrar em alguns consultórios de médicos famosos desses países e fiquei estupefata, o senhor sabe que nenhum deles conhece a *síndrome da algia histeromiofascial*? A medicina brasileira está de parabéns e o senhor é mesmo um gênio...”

Doutor Demófilo não conseguia conter a sua alegria. Ele mesmo não entendera, como tivera o espírito de improvisar, em poucos minutos, tamanha bobagem, a qual surtiu tão grande resultado. Já estava se considerando, de fato, um gênio. A lua-de-mel com seu ego durou pouco, entretanto. Passados alguns dias, começou a receber cartas dos colegas de Portugal, da Espanha, da França, da Itália e da Alemanha, solicitando esclarecimentos da nova doença descoberta no Brasil, que ainda não era conhecida na Europa.

Nelson Jacintho
Médico e escritor

Stella!

José Altino Machado

Exatamente às onze e trinta, ele saiu do escritório, desceu à garagem no subsolo e foi encontrar-se com a mulher, que o esperaria à porta do núcleo de ioga.

Avistando-a a distância, deu dois leves toques na buzina e encostou o carro no meio-fio; ela entrou sorridente, beijaram-se levemente e ele indagou, com o carro em movimento:

— Correu tudo bem hoje, querida?

— Sim. Tivemos movimentos novos, interessantes. A aula estava concorrida.

— Onde vamos almoçar? Tem alguma preferência?

— Nenhuma. Sugira você.

— O que acha do Baiúca? Há tempos não vamos lá.

— Ótimo.

No oitavo ano de casamento, pais de dois filhos, eles se amavam, tinham relacionamento harmonioso. Eram jovens, temperamentos extrovertidos, amantes da vida. Habituaram-se a almoçar fora às terças e quintas, após as aulas de ioga, por ela freqüentadas entre dez e meia e meio-dia.

Deixaram o carro no estacionamento ao lado da igreja da Consolação e caminharam, descontraídos, enlaçados pela cintura, os poucos metros que a separam do tradicional restaurante Baiúca. Entraram no bar que antecede o salão-restaurante; o ambiente era bem mais escuro do que o exterior ensolarado, de radiosa luminosidade, e os olhos demoraram alguns instantes para se acostumar. No interregno, a caminho do restaurante, divisaram, na penumbra do bar, em um canto junto ao piano, um casal sentado frente a frente. O homem voltado para eles, e a mulher, de costas, conversavam em surdina, achegados, mãos dadas sobre a mesa, em evidente idílio. Ela mirou o casal enquanto eram conduzidos pelo maître.

Sentaram-se, escolheram o prato e a bebida, o maître afastou-se, ele ia falar algo quando ela se antecipou:

— Você viu?

— Viu o quê?

— Seu amigo, lá no bar.

— Que amigo?

— Fortunato.

— Ele estava lá?

— Estou lhe dizendo.

— Por que não falou com ele? Poderíamos almoçar juntos.

— Não poderíamos, não está só.

— Algum amigo?

— Amiga. Amicíssima, aliás.

— Como sabe?

— Vi com meus próprios olhos; namorando, aos cochichos, mãos nas mãos, juntinhos e tudo o mais...

— Que imaginação fértil. Mal passamos por lá, naquela escuridão, deu pra ver tudo o que diz?

— Não sou tola.

— Pois acho que se enganou. Se fosse ele teria nos cumprimentado; teria nos convidado para um drinque.

— Não cumprimentou de propósito, fingiu que não nos viu.

Terminaram o aperitivo, foram servidos, começaram a comer em silêncio, por ela quebrado:

— Não entendo como não o viu, passamos rentes...

— Ainda está pensando nisso? Não tenho necessidade de mentir, meu bem; quer que vá lá e me certifique?

— Não é o caso. Decerto já se foram, fugidos, não tenho dúvida. Ele percebeu que reparei, afinal eu o encarei.

— Fez mal. Deveria ter sido discreta, você sim; fingir que não viu.

— Discordo. Sou amiga da Stella e não me conformo em vê-la traída assim. Ela não merece. Vocês homens são todos iguais. Têm romances fora de casa e a pobre mulher, a legítima, que se dane. Cuida da casa, dos filhos, agüenta a empregada, enquanto o marido se diverte com outra.

— Não generalize. Há homens que têm amantes e há mulheres que também os têm. Não é exclusividade masculina. Devem ter suas razões, não devemos julgá-los.

— Não tente acobertar seu amigo.

— Fortunato é bom sujeito; parece que se dá bem com Stella. Não o acredito capaz de...

— Não acredita porque não quer. Ou não quis ver. Para mim ele não presta. É cara-de-pau, cínico. Além de cafajeste!

— Meu bem! Não use esses termos, mormente alusivos a amigo antigo e fraterno como Fortunato. Conheço-o bem e jamais soube de aventura desse tipo, em que estivesse envolvido. Ele é responsável, incapaz de tal leviandade.

— Uso sim! Tenho motivos: em plena luz do dia, em um local como este, tem o desprazer de se exibir em escandalosa namoração. Em escancarada amigação — disse ela, exaltando-se e levantando a voz.

— Calma, querida. O que deu em você? Nunca a vi tão brava.

— O descaramento dele me fez mal, irritou-me. Fico revoltada com o costumeiro procedimento machista: o homem se julga no direito de fazer tudo, impunemente. Ai da mulher se tentar algo... O pior é que são solidários, um encobre a safadeza do outro. Você, por exemplo, afirma que não o viu, que não era ele; ou que ele não seria capaz. Era ele, sim, sem dúvida. O Fortunato. O safado do Fortunato! Mas ele não perde por esperar; contarei tudo para Stella. Tudinho.

— Não faça isso. Não se meta na vida dos outros. O caso não lhe diz respeito, meu bem.

— Diz sim. Stella é minha amiga desde menina. Amiga sincera e leal; sempre nos demos bem. Tenho obrigação de contar; sei que ela faria o mesmo se visse você com sua amante.

— Minha amante? — perguntou rindo. — Que amante? Pertencço ao numeroso rol dos homens que não têm amantes. Homens que são felizes, que se realizam com a sua mulher, porque a amam, como amo a minha. Mulher que está hoje irreconhecível, tão agressiva. Insisto que não se envolva. E vamos mudar de assunto; falemos de nossa próxima viagem, as férias estão perto e as crianças aproveitariam se fôssemos à praia.

— Não desconverse. Não adianta. À noite ligo pra Stella e conto. Conto que vi o “santo” Fortunato, como você o pretende, de amores em público, com uma vulgar lambisgóia.

— Que deu em você? Jamais a vi assim, tão furiosa!

— Outra coisa: arranje outro parceiro para o tênis e avise o Fortunato que não se atreva a telefonar lá para casa.

— Querida, você está passando das medidas. Veja: estão nos olhando das mesas vizinhas. Vamos mudar de assunto.

— Não consigo. Estragou o almoço. Mal toquei a comida. Peça a conta. Vamos sair.

O maître trouxe a nota, que foi paga. Levantaram-se, ele sugeriu, pegando-a pela mão:

— Vamos sair por aquela outra porta. Evitemos o bar. Você está nervosa, meu amor.

— Não! Faço questão absoluta de sair por onde entramos. Se ele ainda estiver lá, quero encará-lo de frente. Assim não terá coragem de negar, mais tarde.

Andaram alguns passos, chegaram ao bar. O casal permanecia na postura amorosa, embevecidos ambos, mãos dadas e olhares lânguidos. Passaram perto da mesa e olharam, agora com a vista acostumada à fraca luz ambiente.

Surpresa: não era Fortunato!

Inteiramente desconcertada, percebendo o ar de riso do companheiro, ela se indagou como pudera se enganar. Tivera certeza de ter reconhecido o amigo do marido, ao entrarem. Qual a explicação para tamanho equívoco? O que a levava a confundir e cometer lamentável injustiça? Nesse momento, ela reparou bem na mulher, de costas ainda, e compreendeu: houvera simples associação de idéias. Pois se o homem não era, realmente, o amigo do marido, Fortunato, a mulher era, sim, sua amiga. Stella!

José Altino Machado
da Academia Paulista de Letras

Querido Professor Salvatore

Jorge Souen

Caros amigos e amigas

Qual a idade? Qual o tempo? Não há idade no caso. Há pessoas eternas e imortais. São os Vinicius, os Drummonds, os Beethovens. Não morrem. O número de anos é irrelevante. O Professor Salvatore é um desses. Ele sempre será lembrado, seja na fina excisão de um bisturi ao rasgar um tecido na busca da cura, seja na singeleza de um toque revelador. Há em inúmeras atitudes como essas a assinatura do Professor Salvatore. Além disso, há na emoção, no caráter e vocação muito do Professor. Não quero me estender. Deram-me os organizadores apenas de dois a três minutos. Homenagearia este grande homem uma vida inteira, pois em toda minha existência há um toque do querido Professor. Gostaria de citar três fatos que revelam sua personalidade e caráter grandiosos. Certa feita, operávamos juntos delicada cirurgia de câncer de vulva em uma pobre mulher. A cirurgia admitia em certo momento duas equipes, uma em cada lado da coxa da paciente. Operávamos eu e o professor. Determinado instante, em uma delicada manobra, escapou de minha pinça importante veia e o sangue copiosamente cobriu o campo cirúrgico. A mulher estava a ponto de chocar e a veia, caprichosamente retrair-se por completo dentro do tecido, tornando difícil sua visualização. O Professor Salvatore abandonou a sua dissecação e fez questão de ajudar-me a encontrar o vaso e a ligá-lo. Ao término da cirurgia, bateu-me nas costas, de mim abatido que estava pelo acontecimento e falou: "Jorge, quero te confessar algo, não foi você quem deixou escapar a safena, eu involuntariamente bati na sua mão e você soltou-a. Você nem percebeu". Em outra ocasião, na sua habitual e extraordinária assistência aos discípulos, passando de sala em sala no ambulatório, perguntou-me sobre determinado caso. Eu falei: tudo bem. Não achei nada ao toque. Como sempre, ele foi conferir e tocou um tumor de ovário. Ao



Prof. Salvatore e o Prof. Jorge Souen discursando

invés de repreender-me, falou: "Jorge há um tumor no ovário esquerdo. É realmente muito difícil esse exame. Toque outra vez". Além de todas as suas contribuições, o Professor Salvatore introduziu o conceito do professor participativo. Relegou a postura dos antigos catedráticos, monárquica, distante, arrogante e impessoal. Qual catedrático tradicional faria, por exemplo, o que o Professor fez em um determinado triste momento de minha vida? Infeliz e acabrunhado, choroso e tristonho vivia eu um delicado episódio pessoal. Eis que, altas horas da noite, bateu à minha porta para confortar-me o professor e sua esposa.

Caro professor, peço humildemente que aproveite esse momento mágico, porém, em nome de seus inúmeros discípulos, risque, apague os 90 anos.

Jorge Souen

Discurso proferido em 19 de abril de 2007, ocasião da comemoração dos 90 anos de idade do Professor Salvatore, realizada no "Leopoldo Plaza"

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra
José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza (*in memoriam*)

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.